

POLÍTICA ECONÔMICA OCUPA O DIVÃ

O pânico coletivo (semelhante ao que ocorreu na sexta-feira passada) diante da crise não é nada mais que a manifestação da insegurança que se abate sobre cada um dos cidadãos diante da ameaça de ver seus projetos pessoais jogados no lixo. “A política econômica invade o mundo interior das pessoas”, atesta o médico psiquiatra e analista junguiano Rodney Taboada, que atua na capital paulista.

“A questão central do pânico é a insegurança”, explica. “Mesmo as pessoas mais fortes precisam de algumas condições externas garantidas.” Entre elas, a estabilidade financeira.

Segundo Taboada, os problemas econômicos mexem com a segurança de projetos pessoais, como casar, ter filhos, mudar de casa.

“Quem tem projetos precisa saber que as regras do jogo vão permanecer estáveis. Quando o clima

é de insegurança, o fantasma de não conseguir realizá-los brota do fundo de cada um.”

Numa situação de pânico não há razão possível. “Ela fica dominada pelos fantasmas, que são pessoais”, diz. E são esses monstros que cada um carrega dentro de si que levam as pessoas a cometerem loucuras.

“Um cliente meu”, conta o psiquiatra, “um empresário experiente, que aparentemente não teria motivos para se desesperar, entrou em pânico na sexta-feira passada e retirou o dinheiro de uma aplicação financeira. Perdeu uma fortuna.”

Com medo, as pessoas fazem loucuras que as levam exatamente na direção daquilo que temem: perder o que conquistaram. O que fazer? O médico sugere: “Numa situação de pânico, o melhor é não fazer nada e observar. Os

fantasmas são internos, não são reais. É preciso principalmente manter a calma para avaliar o grau de risco e a possibilidade de reduzir esse risco”.

Do outro lado do divã, o analista Taboada acredita que um pouco de luz jogada diretamente sobre o centro da questão seria suficiente para afastar os fantasmas que se juntam num pânico coletivo. “O que está faltando é liderança, alguém que diga o que vai acontecer ou pelo menos apresente alternativas para as pessoas se prepararem”, aponta.

Para ele, é preferível saber que o navio vai afundar, porque aí cada um começa a procurar uma bóia, um bote, e organiza-se o salvamento de todos. “Na falta de luz, os fantasmas atacam. Alguém precisa clarificar a situação — este é o papel do presidente da República.” (AR)